

# Presidente reabilita amigos demitidos

■ FH dispensa até os antigos companheiros, quando não vê outra saída, mas quase sempre os mantém em seu convívio

SONIA CARNEIRO

BRASÍLIA – Em cinco anos de governo, o presidente Fernando Henrique Cardoso já teve que demitir diversos amigos para garantir a manutenção da política econômica comandada pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o apoio político da aliança partidária que sustenta sua administração no Congresso. Nenhum amigo foi poupado da fritura ou dos desgastes, mas vários deles foram reabilitados. Na demissão de Andraza Calabi da presidência do BNDES, semana passada, o golpe foi duplo, já que tanto Calabi quanto o ministro da Saúde, José Serra, seu padrinho político, são colaboradores de primeira hora do presidente.

Aparentando frieza, o presidente Fernando Henrique demitiu até os amigos mais leais que se sacrificaram por ele nas campanhas eleitorais e no enfrentamento de adversários políticos. “Na hora o presidente exibe frieza, alega razões de Estado, mas depois fica triste, calado, e não quer que ninguém o console”, confidenciou um assessor palaciano.

**Quarentena** – O ex-ministro do Desenvolvimento Clóvis Carvalho é um bom exemplo do êxito de Fernando Henrique. Afastado do cargo depois de deixar de “covarde” a política econômica do ministro Malan, ele voltou a ficar próximo do presidente. “Clóvis, acabou sua quarentena”, disse o presidente ao convidá-lo para um fim de semana no Palácio da Alvorada. O ex-ministro transformou-se em conselheiro informal do presidente.

Nem a amizade construída nos tempos de oposição à ditadura militar foi motivo para poupar colaboradores, como no caso de Calabi. O ex-presidente do BNDES foi um dos coordenadores da primeira campanha de Fernando Henrique ao Senado. “Fiquei decepcionado”, admitiu Calabi.

**Surpresa** – O economista passou dois meses com a cabeça pedida pelo ministro do Desenvolvimento, Alcides Tápias. Foi demitido pelo presidente durante tenso encontro no Alvorada. “Espero continuar contando com sua amizade”, disse Fernando Henrique a Calabi, que deixou o Alvorada surpreso e com lágrimas nos olhos.

Entraram na lista dos “diletos demitidos” gerentes financeiros de campanhas eleitorais passadas do presidente, como os ex-ministros José Eduardo Andraza Vieira, Luiz Carlos Bresser Pereira e Luiz Carlos Mendonça de Barros. “Não fiquei magoado com o presidente e continuo amigo dele”, disse o ex-ministro da Defesa Elcio Alvares, que passou quase três meses na “frigideira em fogo alto” e ainda saiu sob o peso das denúncias da CPI do Narcotráfico contra sua assessora especial.

**Sem magoas** – A maioria dos demitidos não saiu atirando. Pelo contrário, é atraída por promessas do presidente de voltar ao governo. Muitos já ocupam hoje cargos importantes. É o caso de Júlio César Santos, que era chefe do cerimonial do Planalto, saiu com o surgimento de gravações que o envolviam no escândalo do Sivan – sistema de rastreamento por satélites da Amazônia – e foi promovido a embaixador na FAO.

Meses depois, a Polícia Federal descobriu que as fitas haviam sido gravadas pelo então presidente do Incrta, Francisco Graziano, secretário particular na campanha eleitoral de 94, e apelidado de *O Corvo*. Grazziano hoje é deputado federal, pelo PSDB de São Paulo, reabilitado pelo governador Mário Covas como secretário de Agricultura.

Covas também reabilitou o ex-ministro das Comunicações Luiz Carlos Mendonça de Barros, demitido no episódio dos grampos no BNDES. Covas o elegeu vice-presidente nacional do PSDB e deu-lhe o cargo de coordenador dos festejos dos 500 anos do governo de São Paulo.